

# TÉCNICA PROJECTIVA DE RORCHACH

Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Avaliação Psicológica – Métodos Qualitativos  
do 3º ano, do curso de Psicologia

2010

**Helena Salsinha**

Estudante da Licenciatura em Psicologia do Departamento de Psicologia  
da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, Portugal

Docentes:

**Nuno Colaço**

E-mail:

[helena.isabel06@gmail.com](mailto:helena.isabel06@gmail.com)

---

## RESUMO

Este trabalho tem como objectivo avaliar o funcionamento psíquico de uma jovem de 22 anos com queixas de mal estares, através do teste projectivo de Rorschach. Como resultados pretende-se observar, em termos qualitativos, características inerentes à personalidade do sujeito ao nível dos eixos da dinâmica cognitiva, de socialização e afectiva.

**Palavras-chave:** Técnica projectiva, Rorschach, personalidade

---

O psicodiagnóstico foi feito a partir de diversos pressupostos clínicos, com o intuito de conhecer as fraquezas e os pontos fortes do desenvolvimento psicológico dos indivíduos (Cunhas, 2000). De acordo com Ocampo (1999) existe, no psicodiagnóstico, uma relação bi-pessoal, ou seja, cria-se uma relação entre o psicólogo e o paciente durante a avaliação psicológica. Esta relação bi-pessoal teria como objectivo obter uma óptima compreensão e descrição acerca da personalidade dos pacientes, dando ênfase a aspectos adaptativos e patológicos (Ocampo, 1999). Em comparação com a avaliação psicológica, considerada um acto de intervenção, o psicodiagnóstico, por ser executado escassas vezes, é visto como uma prática de investigação (Ancona- Lopez, 1995).

Fundamentando-se no teste de associação de palavras de Jung (1904), no teste de apercepção temática de Murray (1935) e no teste de manchas de tinta de Rorschach (1920), Frank, em 1939, abordou o termo “*método projectivo*” pela primeira vez para nomear o estudo da dinâmica holística da personalidade (cit. por Formiga e Mello, 2000). Através deste método emerge a ideia de valorização do simbólico, que se caracteriza por ceder uma realidade imediata e um carácter de ausência, integrando essa realidade dentro do próprio indivíduo (cit. por Formiga e Mello, 2000).

Os testes projectivos, por tornarem possível o conhecimento e compreensão da experiência humana, mostram-se bastante pertinentes tanto para as exigências da investigação como para a prática clínica (cit. por Delgado, 2009). Em suma, o método projectivo, pela sua capacidade de transportar para o exterior o mundo e a realidade pessoal de cada um, mostra-se bastante relevante para todos os indivíduos (Formiga e Mello, 2009).

Hermann Rorschach (1884-1922), psicólogo suíço, utilizou como meio de diagnóstico a visualização e percepção de formas insuficientemente estruturadas (Gleitman, 2007). O instrumento de diagnóstico empregado por Rorschach foi um teste projectivo com a capacidade de captar um grande número de informações relacionadas com os aspectos mais comprometidos da estrutura dos indivíduos, bem como dos seus dinamismos psíquicos e as suas potencialidades (Oliveira, 2004).

O teste projectivo de Rorschach é constituído por dez cartões, dotados de manchas de tinta ambíguas, seleccionadas cuidadosamente, de forma a cumprirem determinados requisitos de composição e ritmo espacial, como a simetria, que torna o teste igual tanto para indivíduos destros como canhotos e favorece a interpretação por parte de pessoas mais inibidas ou bloqueadas (Bohm, 1920). Através da percepção que o indivíduo tem das diversas manchas e destas não constituírem “*objectos socialmente padronizados ou situações frente às quais se espera respostas culturalmente aceites*” (Bohm, 1920), ele é induzido a revelar o seu mundo particular e a projectar os seus sentimentos. A técnica projectiva de Rorschach permite a manifestação psíquica dos conteúdos internos da personalidade, por, através da descodificação das respostas dadas, activar a vida pulsional dos sujeitos.

Antes da aplicação da prova de Rorschach é necessário explicar ao indivíduo avaliado que existe a regra da não-omissão, ou seja, que o indivíduo tem de dizer tudo aquilo que poderia ver nas manchas de tinta, explicar que existe liberdade de resposta e que a prova não tem tempo limite (Chabert, 1998). A aplicação da prova requer três momentos: aplicação espontânea, inquérito e prova das escolhas. Na aplicação espontânea é explicada a prova e dada a instrução, apresenta-se o primeiro cartão e acciona-se o cronómetro. A partir desse momento o psicólogo não intervém mais, a não ser em situações teoricamente previstas, tais como, perguntas do sujeito ou destruição do material. Durante a aplicação espontânea devem ser anotados o tempo de latência, que vai desde a entrega do primeiro cartão até à verbalização da resposta do sujeito, o

tempo de cartão, que vai desde que se mostra o primeiro cartão até ao momento da entrega, e, por último, o tempo total, desde o primeiro ao último cartão. É necessário anotar também todas as posições em que o sujeito observa o cartão (□ □ □ □) e todas as respostas dadas. Na fase de inquérito deve-se questionar o sujeito acerca do que o fez pensar nas repostas que deu. Se forem acrescentadas respostas não verbalizadas durante a aplicação espontânea são consideradas adicionais e, por sua vez, não são cotadas nem servem para a realização do psicograma. Por último, na prova das escolhas, os cartões são espalhados em cima da mesa e o sujeito é questionado sobre quais os cartões que mais e menos lhe agradaram, e porquê.

Cada um dos cartões do teste de Rorschach envolve um significado simbólico ou paradigmático (McCully, 1980). O cartão I, pelo facto de ser o primeiro a ser apresentado, “*mostra um estímulo capaz de indicar se o examinando se adapta com facilidade ou não a uma nova situação*” (Vaz, 1997). A imagem do cartão I, quando vista na forma feminina pode captar projecções de um complexo pessoal, na forma masculina, pode representar diversas facetas de um complexo sexual pessoal (McCully, 1980). O cartão II, pela presença da cor vermelha, pode representar sentimentos de ameaça, descontrolo emocional ou até mesmo reacções agressivas. O branco central presente na mancha de tinta pode estar relacionado com sensações de perda relativamente à figura materna (Vaz, 1997). O cartão III, considerado o da ambivalência sexual, é mais estruturado e pode fornecer informações valiosas acerca da introversão e extroversão do indivíduo avaliado (McCully, 1980). No cartão IV, encontra-se o poder masculino, permitindo a observação da estrutura masculina do sujeito avaliado (McCully, 1980). O cartão V, o mais estruturado e simples, apresenta “*uma realidade representativa do próprio eu*” do sujeito avaliado (Vaz, 1997). Segundo McCully (1980), o cartão VI parece estar ligado à autoridade masculina, relembrando imagens de homens de poder, como reis ou algum tipo de governante. O cartão VII evidencia o aspecto feminino, visto como “*fonte de segurança e confiabilidade*”, no entanto, remete também à dicotomia protecção – abandono (McCully, 1980). O cartão VIII provoca um impacto inicial relativo à cor, mobilizando sentimentos e emoções. O choque à cor representa a capacidade de estabelecer contacto social e a adaptabilidade social (Vaz, 1997). Segundo McCully (1980), o cartão IX está relacionado com os desejos de vida do indivíduo, “*fornecendo informações sobre a energia dispendida para alcançar metas*”. Por último, o cartão X “*permite reunir tudo aquilo que emergiu psicologicamente*” do sujeito avaliado (McCully, 1980).

A cotação do teste de Rorschach é realizada segundo várias categorias: a parte da mancha utilizada na resposta, que pode ser analisada no seu todo ou em partes detalhadas; os atributos do estímulo que constituem a base da resposta, como por exemplo, a forma, o sombreado, a cor; o conteúdo das respostas, que podemos exemplificar em figuras humanas ou animais, partes de figuras humanas ou animais, sangue ou objectos inanimados. A interpretação de um protocolo de Rorschach exige uma vasta experiência e a inter-relação de todos os múltiplos aspectos em toda a sua complexidade. “*A avaliação da validade do Rorschach é uma tarefa difícil*” (Exner, 1995),

“*dificultada por importantes inconsistências entre os diversos sistemas de cotação*” (Kline, 1992). Variadas críticas ao trabalho de Rorschach baseiam-se na falta de documentos escritos para justificar uma interpretação fundamentada das suas teorias (Kline, 1995).

De facto, afirmar que, para além da configuração perceptiva, pode ser posto em evidência um sentido de uma outra natureza, que se refere a experiências de afectos e de sentido de fantasmas escondidos na noite dos tempos e no esquecimento, é falar em termos de conteúdo manifesto e de conteúdo latente e referir-se à experiência do inconsciente e à teoria psicanalítica. É importante falar no conteúdo manifesto dos cartões uma vez que, na abordagem de um protocolo, trata-se sempre de questionar a relação ao real estabelecida pelo sujeito. A análise descritiva do material foi tentada por N. Rausch de Traubenberg (1970/1990), numa actualização das qualidades perceptivas de cada cartão. Na dimensão estrutural dos cartões, estes diferenciam-se pelo seu carácter unitário, inteiro e maciço ou pela sua obediência a uma configuração bilateral. De qualquer maneira, a simetria organiza-os a todos em torno de um eixo mais ou menos evidente e manifesto: este eixo está claramente representado nos cartões ditos unitários (I, IV, VI e IX). Nos cartões de configuração bilateral, a simetria é mais evidente na repetição do duplo, em espelho: trata-se dos cartões: II, III, VII e VIII. É ainda possível reagrupar os cartões segundo o ser carácter aberto, oco e continente (I, II, VII e IX: referência feminina/materna) ou fechado, compacto e associado à presença de apêndices salientes (IV e VI: referência fâlica). Na dimensão sensorial é possível distinguir cartões cinzento-escuros (I, IV, V e VI), os cinzentos (VII), os negro-branco-vermelhos (II e III) e os pastel (VIII, IX e X). Os cartões cinzento-escuros ou com contraste negro-branco, quando atingem a sensibilidade do sujeito, dão origem a inquietação, ansiedade ou angústia mais ou menos intensas, o que pode ser explicado, por exemplo, por uma correspondência cultural. Os cartões negro-branco-vermelhos são interessantes pelo contraste das cores (Chabert, 1998), sendo a presença de vermelho fundamental para a reactividade de movimentos pulsionais. O cartão VII (cinzento) deve ser considerado à parte uma vez que a sua organização espacial é bastante particular pois tem uma configuração bilateral e uma construção oca e aberta, característica dupla que organiza o seu conteúdo latente. Os cartões pastel têm em comum as tintas pálidas e filtradas que lhes conferem um papel de indutores de afectos, no entanto, a sua organização estrutural diferencia-os claramente. O cartão VIII compensa o possível choque ocasionado pela mudança da factura do material por uma estrutura relativamente clara, cartão IX realiza uma complexidade rara, na mistura de tintas imbricadas umas nas outras e, por último, o cartão X, o mais colorido, torna mais difícil a sua classificação do ponto de vista estrutural, pela multiplicidade das cores e pela dispersão das manchas (Chabert, 1998). Quanto às relações de objecto de amor ódio, verifica-se nos cartões bilaterais a indução de imagens animais ou humanas, o que favorece a expressão das relações nas suas modalidades narcísicas ou objectais, agressivas ou libidinais. Nos cartões com cores, a presença de solicitações emocionais, pulsionais ou afectivas podem ser ligadas a experiências com o mundo e ambiente humano que o rodeiam (Chabert, 1998).

O facto do método de Rorschach ser relevante no estudo da personalidade dos indivíduos prende-se com o facto de este nos transmitir respostas suficientemente fiéis que permitam interpretar, a partir do discurso do sujeito, os modelos de funcionamento psíquico que lhe parecem ser mais pertinentes (Chabert, 1998). O teste de Rorschach permite, através da sua estrutura, uma centração em torno de tudo o que se refere à representação de si e à evocação da representação de relações. A simetria dos cartões em volta de um eixo médio justifica o apelo ao corpo sustentado pelo teste de Rorschach. Através de protocolos de crianças, Nina Rausch de Traubenberg e Marie-France Boizou (1977) mostraram que era possível destacar a construção de uma identidade e de uma imagem corporal íntegra, enquanto que, pelo contrário, nos protocolos de adultos podem ser destacadas uma *”não-diferenciação e uma não-construção da identidade”* (Chabert, 1998). Em alguns cartões, é possível surgirem solicitações fantasmáticas ligadas às *imagos* parentais e modalidades particulares dessas *imagos*.

No Rorschach, a existência dos mecanismos de defesa permite determinar a flexibilidade ou rigidez da organização defensiva do sujeito, o seu carácter operante e as suas qualidades específicas. Segundo Widlöcher, os *“mecanismos de defesa serão os diferentes tipos de operações nos quais a defesa se pode exprimir, quer dizer, as formas clínicas dessas operações defensivas”* (cit. por Chabert, 1998). O termo projecção, introduzido por Freud em 1894, é um mecanismo de defesa que faz com que uma percepção interna seja alterada ao nível do conteúdo e que chega à consciência como sendo uma percepção vinda do exterior, ou seja, a projecção é o acto do sujeito expulsar de si próprio e localizar no outro qualidades, sentimentos ou desejos que ele recusa de si (Chabert, 2004).

O teste de Rorschach é experimentado, pelos sujeitos avaliados, como uma situação traumática, definida como uma situação desencadeadora de uma energia excessiva que bloqueia as vias normais de elaboração do Eu. Essa experiência traumática é divulgada através da dupla confrontação do sujeito com a ambiguidade do estímulo e a instrução dada (Baer, 1950). Existe, entre o sujeito, a ambiguidade do estímulo e a instrução dada, um encorajamento por parte do psicólogo para que o paciente se empenhe na livre fantasia, no entanto, é necessário que o sujeito o faça dentro de uma cuidadosa confrontação com a realidade, ao ser capaz de justificar as suas respostas (Moita, 1983). O teste projectivo de Rorschach, no que diz respeito à resolução de conflitos, pode provocar angústia, quando existe ineficácia da utilização dos mecanismos de defesa. Essa angústia vai ter uma determinada função e até mesmo uma utilidade, ao actuar como um sinal de outras situações anteriormente experimentadas como angustiantes, que de algum modo se repetem e que vão *“constituindo assim uma espécie de vacinação contra o retorno”* (Laplanche, 1980, p. 50).

## **METODOLOGIA**

### *Participante(s)*

O participante é a Natália, que se consulta por diferentes mal estares (cefaleias e perturbações digestivas, vertigens e insónias). Tem 22 anos, sente-se nervosa e contraída. Leva uma vida bastante solitária e tem poucos amigos.

### *Instrumento(s)*

Teste projectivo de Rorschach, composto por 10 cartões, cada um com uma mancha de tinta dotada de um significado arquétipo ou simbólico. A cotação e interpretação das respostas dadas pela Natália no protocolo de Rorschach foram interpretadas com base nos princípios da Escola Francesa.

### *Procedimento*

As respostas dadas pela Natália no teste projectivo de Rorschach foram fornecidas pelo professor Nuno Colaço, logo não foi aplicado directamente ao sujeito. Depois de ter acesso às respostas dadas pelo sujeito avaliado procedeu-se à cotação e interpretação das mesmas, através do protocolo (ver anexo I).

## **RESULTADOS**

Após a aplicação do teste de Rorschach, foram realizadas a cotação e a interpretação dos resultados obtidos, através das respostas dadas pela Natália no protocolo (ver anexo I). Como resultados (ver anexo II), relativamente ao número de respostas, obtiveram-se 24 resposta, que se encontra dentro dos valores normativos. Em relação aos tempos, o tempo total foi de 13'01", o tempo por resposta foi de 33" e, por fim, o tempo de latência médio foi de 11'01". Quanto aos modos de apreensão, em G% obteve-se um resultado de 50%. Nos determinantes, em D% o resultado total foi de 42% e em Dbl de 4%. Relativamente aos determinantes formais, em F% obteve-se um total de 67%, F<sup>+</sup>% obteve um total de 66%, o resultado final de F%a foi de 71% e, por fim, F<sup>+</sup>%a obteve um total de 72%. Em relação aos conteúdos, em A% obteve-se um resultado de 38%, em H% o resultado total foi de 8%, o resultado de Anatomia foi de 2, de Objecto 2, de Arte 1, Decoração 3, Natureza 4, Nuvem 1 e Planta 2. Quanto às cinestésias, obteve-se apenas 1 K e, como pequenas cinestésias, 2 kob.

Relativamente à T.R.I. pode verificar-se que a Natália é Extratensiva Mista, pois  $1K < 2C$  e  $K \neq 0$ , confirmada pela Fórmula Complementar,  $2K < 3E$ . Foram registadas, ao longo do protocolo de Natália, 4 banalidades. No que respeita aos elementos qualitativos, verificou-se choque no cartão VI, equivalente a choque no cartão IV, comentário à cor no cartão VII, comentário à simetria no cartão VI, crítica ao objecto no cartão X e, por último, comentário subjectivo no cartão III.

## DISCUSSÃO

Através da cotação do protocolo e da análise do psicograma da Natália, podemos verificar o seu funcionamento psíquico. Tendo em conta o número total de respostas dadas no protocolo (24), que se encontram dentro dos valores normativos, a Natália revela boa produtividade capacidade perceptiva e associativa (Traubenberg, 1970). Relativamente ao eixo da dinâmica cognitiva, através das respostas G% (50% - acima dos valores normativos) pode verificar-se a procura de uma unidade de controlo sobre a realidade exterior e aspectos sobre a sua capacidade apreensiva de forma globalizada, com baixa tendência para a particularidade (Traubenberg, 1970). Verifica-se, através das respostas D% (38% - abaixo dos valores normativos) e Dbl% (4% - dentro dos valores normativos) uma baixa capacidade de analisar os detalhes do ponto de vista perceptivo, com desinteresse pelo concreto e pela realidade e uma oposição relativamente ao mundo exterior e ao “eu” (Traubenberg, 1970). Relativamente às respostas F% (67% - dentro dos valores normativos) e F+% (66% - abaixo dos valores normativos) pode dizer-se que a Natália não tem perda da forma, ou seja, que tem uma racionalização das coisas e que existe ineficácia na utilização de mecanismos de defesa quanto à resolução de conflitos. Quanto ao eixo da dinâmica de socialização, a Natália declara uma tendência “*para construir atitudes associativas favoráveis à criação de estereótipos*”, em relação a A% (38%, dentro dos valores normativos) (Traubenberg, 1970). Respostas H% (8%) abaixo dos valores normativos, revelam que não se vê como inteira e real, encontrado normalmente em contextos muito formais e pouco afectivos (Traubenberg, 1970). No geral é uma pessoa que se afasta do mundo social, o que leva a um baixo grau de socialização, no entanto com uma boa capacidade de adaptação intelectual (5 banalidades, dentro dos valores normativos) (Traubenberg, 1970). As respostas K (1, dentro dos valores normativos) indicam uma orientação mais virada para o íntimo. Por último, em relação ao eixo da dinâmica afectiva, a Natália é extratensiva mista ( $TRI - K < C$ , confirmada pela FC), o que significa que as “*necessidades afectivas se exprimem sem freios e que os indivíduos estão submetidos aos seus sentimentos, são emotivos e instáveis*”. Pode ter tendência a perder o controlo emocional, o que é próprio de histéricos, sendo objectivo e materialista (Traubenberg, 1970). No que concerne à reactividade da cor verificam-se alterações na produtividade e nos afectos mais organizados do sujeito ( $RC\% = 42$ , acima dos valores normativos), e mostra-se uma

pessoa pouco afectiva, ao controlar de forma excessiva a emergência dos objectos relacionados com preocupações corporais (IA% = 8%, abaixo dos valores normativos) (Chabert, 1998).

Dada a limitação de conhecimentos sobre a cotação do protocolo e a interpretação do psicograma, houve algumas dificuldades na realização deste trabalho, colmatadas de certa forma com uma variada e intensa pesquisa sobre o assunto.

## CONCLUSÃO

De uma maneira geral, a Natália pode caracterizar-se como uma pessoa emotiva e instável, mas esconde-o, com orientação tanto para o mundo interior e o mundo exterior, não leva muito a sério as relações com os outros e é social apesar de se refugiar nos estereótipos.

O teste projectivo de Rorschach é ainda, nos dias de hoje, valorizado pela sua ligação à psicanálise e por permitir entender a especificidade do sujeito na sua individualidade.

Uma das maiores críticas ao teste de Rorschach é relativa à sua psicomетria. Os estudos de validade sobre este teste orientaram-se tanto para diferentes grupos específicos, como para “*a análise do grau de acordo entre os resultados obtidos por esta técnica e os resultados de outras fontes de diagnóstico*” (Jornal de Psicologia, 1986). Rabin concluiu, com os estudos da validade do teste de Rorschach, que estes foram essenciais para o transformar num método de estudo da personalidade com uma boa fundamentação experimental e científica (Jornal de Psicologia, 1986).

As críticas ao Rorschach acerca da sua psicomетria incentivaram a investigação sobre este teste através da qual surgiram novas aplicações bastante distintas da tradicional. As qualidades clínicas da prova foram reconhecidas e esta revelou-se um método eficaz para a recolha de dados relativos ao funcionamento psíquico dos indivíduos (Jornal de Psicologia, 1986).



## REFERÊNCIAS

- Alves, I. C. B. (1998). *As Técnicas no Psicodiagnóstico e Sua Função na Psicoterapia*. (s/d);
- Ancona-Lopez, M. (orgs.) (1995). *Psicodiagnóstico: Processo de investigação*. São Paulo: Cortez;
- Anzieu, D. (1980). *Os Métodos Projetivos*. Rio de Janeiro. Ed. Campus;
- Anzieu, D. (1984). *Os métodos projetivos*. Tradução Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Campus, 1984;
- Baer, A. (1950). *Le test de Rorschach interprété du point de vue analytique*. *Revue Freç, de Psychan*, XIV – 4. Pp. 455-503;
- Bohm, E. (1920). *Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach*. Madrid: Javier Morata;
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e Métodos Projetivos*. São Paulo: Vetor;
- Cunha, J. A. (2000). *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre: Artmed;
- Delgado, Luis (2009). *Para um racional bioniano de interpretação dos dados projectivos*. *Análise Psicológica*;
- Exner, J. E. (1995). *Issues and methods in Rorschach research*. Mahwah, N.J.: Erlbaum;
- Formiga, N. S. & Mello, I. (2000). *Teste Psicológicos e Técnicas Projetivas: Uma integração para um desenvolvimento da interacção interpretativa Indivíduo-Psicólogo*. *Psicologia Ciência e Profissão*;
- Gleitman, H., Fridlund, A., Reisberg, D. (2007). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Kline, P. (1992). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge;
- Kline, P. (1995). A critical review of the measurement of personality and intelligence. In Saklofske, D. H., and Zeidner, M. (Eds.), *International handbook of personality and intelligence*, pp. 505-24. New York: Plenum;

Laplanche, J. (1980). *Problématiques. T. J. L'angoisse*. PUF: Paris;

McCully, R. S. (1980). *Rorschach – Teoria e Simbolismo*. Belo Horizonte: Interlivros;

Moita, V. (1983). *A angústia como conceito operatório na técnica projectiva de Rorschach*. *Análise Psicológica*, 1 (IV): 5-16;

OCampo, M. L. S. De, Arzeno, M. E. G.; Piccolo, E. G. e col. (1999). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes;

Oliveira, M. (2004). *Encontro com o ser: Um olhar fenomenológico sobre a reconstrução do universo existencial de jovens que tentaram o suicídio*. Goiânia: UCG;

Petrelli, R. (2001). *Fenomenologia – teoria, método e prática*. Goiânia: UCG;

Pires, A. B. (1986). *O Teste de Rorschach: Alguns Aspectos Relacionados com as Críticas e as Novas Perspectivas de Utilização*. *Jornal de Psicologia*: Universidade do Porto;

Primi, R. (2005). *Temas em Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo;

Trautenberg, N. R. (1970). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Editora Culturix;

Vaz, C. E. (1997). *O Rorschach: Teoria e Desempenho*. São Paulo: Manole;

## ANEXOS

## Anexo I – Respostas dadas pela Natália ao protocolo de Rorschach

Respostas Espontâneas	Inquérito	Cotação
I		
4''		
1-Um morcego.	“Uma borboleta que voa”	G F+ A Ban
2-Ou uma cabeça, uma cabeça de borboleta. É tudo.	“ao meio, por causa dos olhos aqui” (D Sup do D Méd)	D F+ Ad
60''		
II		
15''		
3-√ ∧ Quando olhamos assim, faz pensar a uma garganta.	“está inflamada (Verm. Inf.), como quando temos anginas”	Dbl CF Anat
4-√ Uma concha. É tudo.	“irisada, toda enfeitada, cores esbatidas”	D EF Nat
45''		
III		
5''		
5-Dois pequenos negros que pilam o arroz ou... Não sei. √ > √ É tudo.	“personagens habituais”	G K H Ban
45''		
IV		
6''		
6-Isto, diríamos um monstro.	“sobretudo aqui, esta cabeça com dois olhos”	G F+- (A)
7-√∧ >√∧ Sim, diríamos um monstro que há sobre as fontes, que deitam água pela boca.	“há-os nas cidades”	G Kob (A)/Arte
60''		
V		
5''		
8-Isto já disse, parece-se com um morcego.	“Um pouco cinzento e talvez voe” “como se fosse um quadro de caça”	G F+ A Ban
9-Diríamos também dois coelhos um contra o outro.		G F+ A

50''		
VI		
55''		
10-Só este pedacinho, diríamos uma cabeça de serpente, mas o resto não sei.	Extremidade superior da mediana "tudo isto, sim"	D F- Ad
11-Um motivo qualquer de decoração.		G F+ Dec
12-Diríamos uma carta. É tudo	"sobretudo os contornos"	D F+- Obj
130''		
VII		
5''		
13-Agora isto, dois anões, ou não sei o quê.	Os dois primeiros terços	D F+ H
14-√ Neste sentido, uma gruta, um pórtico.	"como rochedos"	Gbl F+- Nat
55''		
VIII		
2''		
15-Uma flor	"tudo.. É irisado e depois há esta linha"	G F+ PL
16- > Estes dois pedaços rosa de cada lado, um animal. Não sei.	D rosa lat.	D F+ A Ban
17-O conjunto, uma flor em tapeçaria.	"Sobretudo as cores"	G EF Dec
18-√ Um pouco uma esponja aqui, é bonito.	D laranja méd. inf.	D EF Obj
85''		
IX		
10''		
19-Diríamos um pouco uma erupção de vulcão.	"tudo isto, a impressão geral"	G Kob Nat
20- Ou um fundo de mar, nuvens um pouco e os raios		G EF Nat
70''		

---

X		
4''		
21-Agora estas duas coisas aqui, diríamos caranguejos.	D. Azul lat.	D F+ A Ban
22-√ Também um motivo de bordado, caranguejos, flores.	“Motivo um pouco confuso”	G F+- Dec/PL
23-Hipocampos.	D. Verde méd.	D F- Anat
24- √ Pequenas nuvens	D. Cast.lat.inf.	D F+- Nv
70''	“não acabado”	

---

## Anexo II – Psicograma de Natália

R = 24	↑G% – 50			
Recusa = 0	↓D% – 42	F <sup>+</sup> = 7	A - 5	F% - 67
Temp.Tot. –	Dd%	∑ F=	F- = 2	Ad - 2
Temp./Resp. –	Dbl% - 4	F <sup>+</sup> = 7	H - 2	↓F+% - 66
Temp.Lat.Med. -	Do%		Hd	F%a – 71
				F+%a – 72
		K - 1		
		Kp		
		Kan		
		Kob - 2	Elem	A% = 38
			Frag	↓ H% = 8
		FC	Bot	
		CF – 2	Geo	
		C	Pais	
			Anat = 2	
		FE	Sexo	
		EF – 3	Obj = 2	
		E	Arq	
			Simb	
		F Clob	Abs	
		Clob F	Arte = 1	
		Clob	Dec = 3	
			Nat = 4	Ban = 5
			Nv = 1	Orig
			PL = 2	

T. Apreensão – G D

T.R.I. = 1K &lt; 2C

F.Comp. = 2K &lt; 3E

RC% = 42

↓I.A.% = 8

Elementos Qualitativos

Choques - VI

Eq.Choque - IV

Preserv.

Com.Cor - VIII

Prov.Escolhas

+ VIII

- II

Com.Sim. - VI

Crit.Obj. - X

Com.Subj. - III